

## A PESSOA DO ANIMADOR VOCACIONAL: ASPECTOS PSICOLÓGICOS

*Ir. Annette Havenne,ism<sup>1</sup>*

Nesta segunda reflexão que vocês solicitaram, o tema será *a pessoa do animador vocacional*, com enfoque nos *aspectos psicológicos* da sua missão junto aos vocacionados e vocacionadas.

O link com a minha primeira reflexão, que tratava da relação de *acompanhamento vocacional*, é profundo: na realidade o tema já apareceu nas perguntas que vocês me lançaram no final da colocação e nos esboços de respostas que ofereci. De fato, uma vez descrita a tarefa, a responsabilidade, o objetivo do acompanhamento vocacional, a pergunta que vem espontaneamente é: como deve ser, como deve se comportar aquele, aquela que acompanha? Também já alertei que não adianta muito descrever o perfil de um animador, de uma animadora ideal, perfeito, encantador e bem sucedido!

Pois não estamos tratando aqui tão somente de “marketing vocacional”, ou de se colocar como “coach” de quem acompanhamos, trata-se de uma psicologia humana que se coloca a serviço da espiritualidade do discipulado, como Jesus nos provoca a vivencia-lo no evangelho.

### *1. O contexto de uma nova cultura vocacional.*

Antes de tudo gostaria de lembrar, sobretudo aos mais jovens entre vocês, que há relativamente pouco tempo se criou a expressão *animador vocacional*, serviço de animação vocacional. Antes falávamos de promoção vocacional: vocabulário que denota uma compreensão diferente e muito mais restrita da vocação, limitando-se à tarefa de “promover vocações específicas” para o sacerdócio ou a VRC, de preferência para sua diocese ou congregação!

O que mudou para melhor, de lá pra cá, foi a *cultura vocacional*. Falarei disso em primeiro lugar. Porque você só pode compreender uma pessoa e sua missão, dentro de uma determinada cultura, de um contexto. É a dimensão sistêmica da psicologia como ela se pratica hoje! O que entendemos por cultura vocacional? Diria que sinteticamente, é o modo de viver, conviver, dialogar, discernir, decidir... numa Igreja onde *todos estão a caminho por que todos e todas foram chamados*. A resposta a um chamado não consiste apenas em se decidir por um *estado de vida*, mas de modo bem mais amplo supõe a decisão de entrar numa *dinâmica* cotidiana que qualifica a vida e as relações. Eis o apelo vocacional no seu sentido eclesial: avançar juntos por causa da missão de evangelizar que nos motiva, nos impulsiona e nos leva para frente, como discípulos e discípulas de Jesus, como batizados e batizadas.

Claro que dentro desta compreensão, não se trata de menosprezar as vocações de especial consagração: elas são belas e importantes na caminhada da Igreja, não somente por causa da

---

<sup>1</sup> Annette Havenne é religiosa da congregação das Irmãs de Santa Maria. Nasceu na Bélgica e vive no Nordeste do Brasil, em comunidades de inserção e missão, na periferia de Aracaju (SE). Tem formação na linha da psicologia, teologia e acompanhamento espiritual. Colabora com a CRB no campo da formação, sobretudo das Novas Gerações e do Acompanhamento Espiritual. Atualmente serve sua congregação como Conselheira Geral.

necessidade de “mão de obra”, mas pelo *sinal profético* que os e as consagradas representam por seu testemunho de vida.

Também falando em dinâmica e não somente em estado de vida, não quero sinalizar que a vocação é transitória ou light... e que podemos troca-la a cada nova onda que aparece para surfar diferente... Mas quero dizer que vocação é algo que “nos diz respeito”, a todos nós cristãos, e que não se refere a uma elite espiritual que teria ganhado um bilhete para viajar de primeira classe! É fácil de entender com a cabeça, mas até hoje não tenho certeza que já assimilamos isso de verdade!

Somente uma cultura vocacional apreendida assim, neste novo *contexto sinodal e missionário*, sustenta a tarefa do animador vocacional ao mesmo tempo *aberto* para ajudar a discernir qualquer tipo de vocação na Igreja, mas também *comprometido* com a seriedade existencial de um sim que não deve se questionar tão fácil a cada dificuldade, que ela seja conjugal, pastoral ou ligada a uma comunidade de vida consagrada.

A primeira consequência desta mudança de cultura é que o animador vocacional é provocado a *olhar primeiro para sua própria caminhada*, suas motivações profundas, seu desejo fundante: ninguém faz carreira nesta área, nem vai atrás de resultados brilhantes, ou números impressionantes de seguidores. Pois acompanhar pessoas, anima-las nas dificuldades de um percurso exigente, ser verdadeiro nas relações é algo que acontece na simples lógica do evangelho, na “teologia do UM” como dizia o cardeal Martini: “Por um, vale a pena!” O que importa não é o sucesso traduzido em números e sim o “dar frutos de vida”!

Esclarecido isso, podemos agora olhar algumas *atitudes de base* que fazem parte desta cultura vocacional e portanto do kit vocacional: gratidão, gratuidade, acolhimento e reverência diante do mistério da vida, de Deus, do eu próprio e do outro com sua vocação. Estas atitudes que *escolhemos tomar* geram amor de cuidado, misericórdia, compaixão, perdão, na luz do belo, do bom e do verdadeiro!

Aqui entra a *Cultura como complexo de valores*, valores humanos e evangélicos, as quais raramente se contradizem! O que neste contexto se espera do animador, da animadora vocacional é que dentro da sua fragilidade humana, - pois não é Super-Homem, ou Super-Mulher, nem Homem-Aranha- ele ou ela se esforce para alcançar uma *versão melhor de si mesmo*, apoiada na pessoa de Jesus e que renove sempre sua decisão de viver a alegria do evangelho. Somente isso e tudo isso! Os jovens estão cansados, os cristãos desanimados pelos “gurus” que arrebanham membros para seus grupos ou comunidades para depois se revelar ou serem denunciados como aproveitadores financeiros ou predadores imorais! A coerência humana e espiritual do discípulo autêntico de Jesus é básica. Construindo nesta rocha, podemos agora nos embrenhar nas sendas dos aspectos psicológicos da pessoa e do ministério do animador vocacional.

## 2. Ter qualidades ou desenvolver habilidades?

Às vezes, quando pensamos em desempenhar uma função, uma tarefa, vem em nossa mente uma lista de talentos ou aptidões que qualificam para a função, quem sabe a partir de uma entrevista. Qualidades que possuímos ou não!

Penso ser mais fiel a Jesus e às correntes da psicologia humanista, chamando a atenção de vocês sobre a questão das **habilidades**: trata-se de um processo dinâmico e interativo, que consiste em treinar habilidades muito mais do que em ter qualidades. Quando falei da cultura, assinali **atitudes** a tomar... Em se falando de psicologia falo agora de **habilidades** a desenvolver.

Vocês percebem aqui uma veia muito importante para quem acompanha, escuta, ajuda o outro a discernir, apoia-o nas suas dificuldades e nas suas opções pessoais.

Desejo introduzir um ponto teórico, que irei desenvolver em ligação estreita com sua experiência de vida: **a teoria das inteligências múltiplas**. Quem estudou história da psicologia está a par disso: hoje não avaliamos mais a pessoa meramente pelo seu QI intelectual, que testa sua capacidade lógica e linguística, ou seja, seu raciocínio. Tentamos ajuda-lo a descobrir em si outras variáveis ligadas a outras formas de inteligência: musical, corporal, e sobretudo **intrapessoal e interpessoal**. Essas duas últimas habilidades são de suma importância nas relações: elas formam a chamada **“inteligência emocional”**, com suas duas vertentes: inteligência do nosso mundo interior e capacidade de ter empatia pela pessoa do outro. Reparem bem que ela tem a ver com emoções, e também com atitudes e habilidades!

Muitas formas de inteligência demonstram sérios limites na medida em que envelhecemos, embora possamos compensar com nossa experiência prática. Porém, eis uma boa notícia: é comprovado que podemos desenvolver a inteligência emocional até o fim da nossa caminhada, talvez até com mais frutos na segunda parte da vida. Por isso a tarefa da animação vocacional supõe **certa maturidade**. Ou pelo menos intergeracionalidade na equipe vocacional...

A partir do trabalho para desenvolver a inteligência emocional, alguns estudiosos chegaram a uma nova variável, muito interessante para nós, **a inteligência espiritual** que mexe com a capacidade de dar sentido à vida, a partir de valores “transcendentes” ou seja aqueles valores que nos propulsam além de nós mesmos para nos relacionar, andar juntos, confiar, desenvolver esperança, amar... Dedicar-nos a alguém, aos outros, ao Outro que podemos chamar de Deus.

Hora de dar uma parada e de começar a tirar **consequências práticas** de tudo isso: na sua caminhada vocacional, você encontrou pessoas que realmente o ajudaram a se abrir para se entender melhor, a caminhar com mais segurança, a se aproximar de Deus, a fixar seus objetivos, a desejar dar o melhor de si com generosidade e a se levantar depois das quedas? Isso sem querer te controlar ou te dominar? Pense e anote alguns nomes... com gratidão!

É lá, no contato com esse tipo de pessoas, das quais você pode fazer memória, destes verdadeiros animadores vocacionais (pois tem também desanimadores vocacionais... sobretudo entre os que desviam do objetivo!) que você começou, quem sabe sem o perceber, sua *aprendizagem por imersão*, por participação ***deste tipo de habilidade*** que é ser companheir@ de jornada na vocação do outro. Claro que isso não o dispensou depois de uma formação mais técnica, mais objetiva, até acadêmica... mas a semente tinha sido lançada em seu coração!

Com estes exemplos de vida, não estamos longe da inteligência espiritual, que poderíamos retomar em linguagem bíblica, mais familiar para nós talvez, como ***sabedoria interior***... sabedoria humana e espiritual. Um dom do Espírito santo, que supõe nossa colaboração ativa como acabamos de ver, e que os padres da Igreja chamavam de ***“inteligência das coisas de Deus!”***

### ***3. Esse tesouro, em vasos de barro!***

Outro aspecto do tema de hoje é a questão dos ***abusos psicológicos e morais*** por ocasião da animação vocacional. O tema do abuso que seja sexual, psicológico ou moral, não se refere unicamente a área da espiritualidade, mas ameaça qualquer tipo de relação humana que provoque intimidade entre duas pessoas, abertura confiante de uma e certa “superioridade” da outra por conta de conhecimentos e experiências maiores.

O alerta vale então para qualquer tipo de ***relação de ajuda***: no campo da saúde física, mental, emocional, ou no campo pedagógico. Não podemos minimizar os riscos e devemos preveni-los trabalhando o nosso próprio coração, esse vaso de barro! Não precisa demonizar nem a nós, nem as demais pessoas, nem a sexualidade, nem as emoções. Mas precisamos afinar nossa percepção da fragilidade nossa e do outro, para não perder a ética das relações de respeito mútuo.

Também precisamos ficar vigilantes para não misturar as áreas em jogo: como ***o corpo*** esta envolvido, o meu e o do outro: olhar, expressão facial, sorriso, mãos, toque podem ter várias conotações. Eu sei distinguir um toque essencial, de um toque sensual? Que significado tem a refeição compartilhada, o caminho percorrido juntos, a disposição das cadeiras que convida a conversar? Lembrem-se também que hoje tudo pode ser filmado, gravado... Protege-se, protege o outro! Permitem que ***a luz da sabedoria interior*** informe com limpidez as expressões exteriores, sem deixar margens para interpretação deturpada.

Como Jesus olhava para a mulher pecadora lavando e beijando sem pés com uma confiança infinita na sua compaixão e no seu perdão? Em torno deles, homens olhavam “esta mulher” com desejo... ou desprezo! O que ela leu no olhar diferente do profeta de Nazaré que a recolocou de pé na liberdade de tomar novo rumo? Deixo a pergunta em aberto para você responder depois de rezar!

Voltemos ***às raízes da sabedoria divina***: tomar consciência do que se passa em nós, do que se passa no outro, e então escolher atitudes que condizem não apenas com a ética, mas também com nossa vocação pessoal, e usar suas habilidades para curar, libertar, aconselhar quando for solicitado, sem jamais se aproveitar e se deixar contaminar pelo vírus do abuso de poder. É tudo questão de motivação fundante e de coerência interior!

Felizmente ha muito tempo temos *a vacina* para garantir a imunidade, ela se chama simplicidade lúcida, prudência e humildade, ela se chama também busca pessoal de ajuda e de supervisão quando for necessário... Ela se chama sobretudo oração de pedido diante das nossas fragilidades e carências, oração de jubilo e gratidão – não porque os demônios caem quando nos encontram- mas porque o nosso nome esta com muito carinho tatuado na palma da mão de Jesus.

#### 4. Luzes bíblicas.

Terminei de escrever esta reflexão ontem, na festa de *S Agostinho*. Não posso deixar de esboçar uma ligação entre nosso tema e este santo que na sua época, foi um grande animador vocacional e acompanhante espiritual, por todo lugar onde passou depois da sua conversão: comunidade cristã, vida sacerdotal, mosteiros.

Na pré-história da psicologia, temos duas obras do mundo antigo que são consideradas como “Tratados de psicologia”, bem antes que essa exista como ciência positiva. São as chamadas “Confissões de Jeremias” no AT e as “Confissões de S Agostinho”! Vou ficar com esta última obra. Pouco a ver com o sacramento da confissão que naqueles tempos, não existia na forma conhecida hoje. A obra de S Agostinho é uma *introspecção autobiográfica*, uma releitura da vida num clima de gratidão a Deus...e por isso se chama confissão!

Lendo aquelas paginas sinceras, você descobre a motivação profunda que leva uma pessoa a converter-se, a buscar uma nova e melhor versão de si mesma e depois a ajudar os outros neste caminho de vida e de redenção, respeitando sempre sua liberdade soberana. “Tarde te amei, Senhor... mas agora eis-me aqui!”

Fui muito tocada pelos dois textos bíblicos escolhidos na liturgia das horas para relembrar o rosto espiritual do grande Padre e Doutor da Igreja que foi Agostinho. (Alguns dizem se tratar da inteligência mais brilhante dos dez primeiros séculos da teologia cristã.)

São dois textos muito simples, humildes e concretos, focados no essencial, confirmando nossa conversa de hoje. Termino com eles, esperando que você os transformem com muito proveito em leitura orante sobre os aspectos psicológicos do animador vocacional.

“Aprendi a sabedoria sem falsidade e reparto-a sem inveja. Não escondo suas riquezas. Deus me conceda falar segundo o seu desejo e ter pensamentos dignos dos dons que recebi, pois Ele é o guia da sabedoria e também corrige os sábios. Em suas mãos estamos nós, assim como a sabedoria e toda habilidade.” Sab 7, 13-14.

Eis o foco, a fonte: sabedoria interior, espiritual. Vejamos agora, na da carta de Tiago, as habilidades que ela faz crescer em nós:

“A sabedoria que vem de Deus é retidão, em seguida paz, tolerância, compreensão. Ela é plena de misericórdia e frutífera, sem parcialidade ou hipocrisia. Um fruto de justiça é semeado na paz, para aqueles que trabalham pela paz” Tg 3,17-18.

Que o Senhor Jesus nos conceda, a todos e todas nós que animamos os vocacionados e vocacionadas, o Espírito de sabedoria e que possamos com a sua força e luz, treinar estas habilidades que dela decorrem!

***Bibliografia:***

Inteligência emocional (QE)                      Goleman, Daniel, Inteligência emocional. Objetiva, 95

Inteligência espiritual (QS)                      Danah Zoar, Inteligência espiritual. Vive Livros, 2011.